HISTÓRIA E FICÇÃO EM *UMA CASA PARA O SR. BISWAS*

HISTORY AND FICCTION IN UMA CASA PARA O SR. BISWAS

Mariana Bolfarine*

> "[...] quem viu a esperança não a esquece. Procura-a debaixo de todos os céus e entre todos os homens". (PAZ, 1984, p. 29)

RESUMO: O presente artigo visa a demonstrar como a história, sob a perspectiva social de Peter Burke e Carlo Ginzburg, não só está presente em Uma Casa para o Sr. Biswas (1961), de V. S. Naipaul, como também é condição imprescindível para a sua criação. Ademais, analisaremos o modo pelo qual os movimentos históricos do século XX colaboram para a criação de labirintos identitários, cuja conseqüência é o desassossego dos que se encontram presos dentro deles, eternamente à procura de uma saída.

Palavras-chave: história; literatura; labirinto; desassossego.

ABSTRACT: The aim of the present article is to demonstrate the way in which history, under the social perspective of Peter Burke and Carlo Ginzburg, is not only present in the novel a House for Mr. Biswas (1961), by V. S. Naipaul, but it is also an essential condition for its creation. Furthermore, we will analyze how historical movements of the century XX corroborate for the creation of identitary labyrinths, whose consequence is the unquietness of those who find themselves imprisoned inside them, perpetually in search of a way out.

Keywords: history; literature; labyrinth; unquietness.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é demonstrar como a história, sob a perspectiva social de Peter Burke e Carlo Ginzburg, não só está presente em *Uma Casa para o Sr. Biswas*[1] (1961), como também é condição imprescindível para a sua criação. Ademais, analisaremos como os movimentos históricos do século XX colaboram para a criação de labirintos identitários, cuja consequência é o desassossego dos que se encontram presos dentro deles, eternamente à procura de uma saída.

* Mestranda na área de estudos linguísticos e literários em inglês pela Universidade de São Paulo.

[1] Emprego no trabalho o titulo em português, *Uma Casa para o Sr. Biswas*, contudo o romance utilizado é a versão original, *A House for Mr. Biswas*, em inglês.

Vencedor do prêmio Nobel em 2001, V. S. Naipaul é um dos maiores escritores caribenhos pós-coloniais da atualidade. De ancestralidade indiana, Vidiadhar Surajprasad Naipaul nasceu em Trinidad no ano de 1932. Seus primeiros livros são retratos cômicos da sociedade de Trinidad, como *Uma Casa para o Sr. Biswas* (1961), que abordam temas relacionados às sociedades coloniais, pós-coloniais e ao processo de descolonização. O autor também produziu literatura não-ficcional sobre a Índia e as sociedades islâmicas, além de compilações de ensaios críticos.

De acordo com Donell (1996), V.S. Naipaul está inserido em um momento muito específico no contexto literário do Caribe, o período de 1950 a 1965, referido como o '*boom*' da literatura caribenha. Este ocorreu em função da emigração de um número significativo de escritores para Londres, que se tornou a capital literária do Caribe. Vidia, como é também conhecido, pertenceu a uma geração de escritores indianos expatriados que eram porta voz para um público, dentre o qual poucos eram seus compatriotas.

Grande parte das obras produzidas entre 1948 e 1958 formou o "Cânone Literário do Caribe" (DONELL, 1996) do qual, além de V. S. Naipaul, fazem parte escritores como George Lamming, Wilson Harris, Derek Walcott, entre outros. O fenômeno da emigração da colônia para a metrópole não é exclusivo do Caribe, porém é importante notar um contexto histórico com causas econômicas e políticas específicas, pois grande parte de emigrados do caribe britânico e outros locais do antigo império eram recrutados para Grã-Bretanha a fim de fornecer mão de obra para as indústrias, após a Segunda Guerra Mundial. (DONELL, 1996).

A fim de estudar os romances de V. S. Naipaul, devemos compreender sua origem, visto que o autor tece uma narrativa que revela diferentes facetas da história multicultural da ilha de Trindade e Tobago. O seu avô, originário de Uttar Pradesh, desembarcou em Trindade, por volta de 1880[2], como trabalhador contratado. O pai de Vidiadhar, Seepersad Naipaul influenciou a decisão do filho em tornar-se escritor e o ajudou a definir o seu estilo e os seus temas[3]. Seu pai, embora educado para se tornar um *pundit* (figura religiosa indiana), foi colaborador *freelancer* no jornal *Trinidad Guardian*. Ele produziu também alguns contos, dentre os quais se destaca "They named him Biswas", que inspirou o nome do protagonista de *Uma Casa para o Sr. Biswas*. Vidiadhar Naipaul, ao contrário do pai, teve acesso à educação formal e completou seus estudos na Queen's Royal College, em Trindade e, em 1950, seguiu para a Inglaterra, onde reside até hoje. Amparado por uma bolsa de estudos, Naipaul graduou-se na Oxford University e começou a escrever em Londres, em 1954[4].

Publicado em 1961, *Uma Casa para o Sr. Biswas* é considerado um dos romances mais autobiográficos de Naipaul, pois reproduz ficcionalmente a história de vida de seu pai. No prefácio da edição de 1983, Naipaul expõe sua proximidade para com a obra, "De todos os meus livros, este é o mais próximo de mim. É o mais pessoal,

[2] A data incerta é mencionada por Naipaul em "Foreword to The Adventures of Gurudeva".

[3] Prefácio da obra do pai, "Foreword to The Adventures of Gurudeva".

[4] NAIPAUL, V. S. "Foreword to *A House for Mr. Biswas*", 1983.

criado a partir das observações e dos sentimentos da minha infância"[5] (NAIPAUL, 1983, 2003, p. 128). Naipaul e os demais descendentes de imigrantes indianos não conheciam a Índia e, apesar de terem nascido em comunidades muito fechadas, repletas de tradições e costumes indianos, a língua hindu rapidamente cedia lugar à língua inglesa. A tentativa de reproduzir a Índia em Trinidad é clara no romance, no entanto Naipaul demonstra que novos sistemas de referência são criados pela comunidade e seus entornos a partir do contato com outras culturas.

Uma Casa para o Sr. Biswas retrata a condição do indiano expatriado em Trindade frente a um cenário de mudanças políticas, econômicas e sociais. Na primeira parte da obra, que enfoca o espaço rural, há uma forte tentativa de preservar o microcosmo indiano do qual o Sr. Biswas fazia parte e tentava fugir. Porém, essa tentativa se esvanece a partir do contato com as culturas européia e africana, em face ao capitalismo nascente, presente sob a forma de indícios na segunda parte do romance, que enfoca o espaço urbano da capital, Porto Espanha. De um cenário para o outro há uma mudança gestual, de costumes e mesmo de trajes dos descendentes de indianos e africanos do interior, para os da capital, revelada pela percepção de Biswas, descrita pelo narrador. O personagem atua como um espectador desse processo de mudança e almeja tornar-se parte ativa do mesmo, ter uma profissão independente da família Tulsi, de sua esposa, e obter uma casa que pudesse chamar de sua.

A opção pela construção da identidade como base para a interpretação do indo-caribenho do século XX estende-se à análise dos tipos humanos que resultaram a partir do imperialismo britânico. Segundo Silviano Santiago (2006), o personagem escolhido deveria ser alguém que, no contexto ocidental, fosse o representante mais adequado da realidade indo-caribenha, atuando como um processo metonímico,

> [...] escolhido o tipo humano, ele é dramatizado como singular, transformando-se nas mãos do intérprete em personagem literário (uma *personae*, uma máscara). Ao se destacar por sua personalidade complexa e comportamento multifacetado, o personagem [...] representa metafórica ou simbolicamente a coletividade [...] No caso, deve representar a parte pelo todo. (SANTIAGO, 2006, p. 24).

Portanto, o desejo do Sr. Biswas tornar-se parte integrante daquela sociedade é o reflexo da desestabilização provocada pelo período de transição representado, primeiro, pela imigração e pelo consequente fracasso de reproduzir *ipsis literis* a cultura indiana no Caribe e, em segundo lugar, pelo processo de descolonização, marcado pela independência de Trindade dos poderes britânicos, em 1962. Como o *pachuco*, retratado em *O Labirinto da Solidão*, a figura do indo-caribenho do século XX, representado pelo Sr. Biswas, é produto da "exterioridade ambígua que vivencia por ter perdido os referenciais dados pela história e a geografia natais e por não conseguir acatar totalmente os novos referenciais em que se deve encaixar. Sobrevive entre um referencial e outro" (SANTIAGO, 2006, p. 47).

[5] Tradução minha.

FICÇÃO E HISTÓRIA EM *UMA CASA PARA O SR. BISWAS*

Mohun Biswas, apesar do nome que significa "o adorado", nasceu à meia-noite, "ao contrário e com seis dedos" (NAIPAUL, 1961, p. 12). O destino da família Biswas, previsto pelo *pundit,* figura religiosa indiana que o abençoou após o nascimento, foi abruptamente modificado após Mohun ter indiretamente matado o pai, que morrera afogado por sua causa. A família se separou e Biswas foi morar com a mãe nas dependências dos empregados de uma tia endinheirada. Depois de uma tentativa frustrada de tornar-se um *pundit*, Biswas trabalhou como pintor de placas na maior loja de Arwacas, cidade rural no interior de Trindade, que pertencia à família Tulsi, de imigrantes indianos. Biswas encantou-se por uma das filhas da numerosa família e, como ele era brâmane e seus tios eram famosos pelo dinheiro, a matriarca, Sra. Tulsi, logo arranjou o casamento, às pressas, em um cartório, sem festividades. A narrativa relata a luta do Sr. Biswas contra o destino compartilhado pelos demais agregados dos Tulsi, de trabalhar nas lavouras de cana que pertenciam à família. Mohun deixou claro que pretendia "remar sua própria canoa". Assim começou a interminável jornada do protagonista em busca da sua independência e identidade.

O prólogo fornece um resumo do enredo, portanto o leitor saberá de antemão o desenlace da obra, mas resta-lhe descobrir "como" ocorre a sucessão dos fatos. Uma das ferramentas utilizadas por Naipaul é uma abordagem histórica indireta. A história não é o tema explícito de *Uma casa para o Sr. Biswas*, contudo, a própria existência da obra só é possível mediante condições históricas muito específicas.

Por intermédio do protagonista, Naipaul efetua um profundo exame ontológico do sujeito pós-colonial e de sua relação com o mundo (CUDJOE, 1988). *Uma casa para o Sr. Biswas* possui como pano de fundo a ilha de Trindade no início do século XX, um momento de transição econômica de uma sociedade estática, feudal, cunhada nas plantações de cana-de-açúcar, para a constituição uma sociedade capitalista e dinâmica (CUDJOE, 1988). Os indícios históricos de tal transição estão dispostos aleatoriamente, ao decorrer da trama, e tais indícios, que comprovam o pano de fundo histórico, são fundamentais para o entendimento da busca identitária de Biswas. Podemos comparar o leitor em busca dos sinais presentes na obra de Naipaul com o historiador, pois de acordo com Ginzburg (1986, p. 157)

> Mesmo que o historiador não possa deixar de se referir a séries de fenômenos comparáveis, sua estratégia cognoscitiva e seus códigos expressivos permanecem individualizantes, mesmo que o indivíduo seja um grupo social ou uma sociedade inteira. Nesse sentido o historiador é como um médico e, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjetural.

Segundo Peter Burke (1992, p. 339), Clifford Geertz propõe a "descrição densa", técnica que interpreta uma cultura alienígena, através da descrição precisa e concreta de acontecimentos particulares. Contudo, a narrativa deve ser densa o bastante para lidar não apenas com a sequência de acontecimentos e intenções conscientes dos

atores nesses acontecimentos, mas também com as estruturas, verificando se elas atuam como freio ou acelerador. Romances históricos, como *Uma Casa para o Sr. Biswas,* estão vinculados a importantes mudanças estruturais na sociedade de Trindade. O enredo é a narrativa do impacto da transformação social de um indivíduo e de sua família, mas que representa a coletividade. *Uma Casa para o Sr. Biswas* atua como uma "micro-narrativa" (BURKE, ano, p. 341) definida como a narração de uma história sobre pessoas comuns no local em que estão inseridas, técnica que, de acordo com Burke, é lugar-comum entre romancistas históricos. O romance enfoca um indivíduo que não desempenha um papel importante nos acontecimentos da revolução, que pode ser comparado ao "herói medíocre" de Georg Lukács (apud BURKE, ano, p. 344), cuja vulgaridade permite que o leitor enxergue mais claramente a vida e os conflitos sociais da sua época.

De acordo com Ginzburg (1992), o mundo ficcional não é independente do real e, dessa forma, a história estaria presente por meio de um relato verdadeiro das tradições e costumes. Para Ginzburg, um escritor como Naipaul, que cria uma narrativa ficcional baseada na vida de seres humanos, representa seus personagens de acordo com os modos e costumes do seu próprio tempo, e, portanto, eles tornam-se verossímeis, fazendo com se aproximem da verdade. Assim, a relação entre ficção e história torna-se clara, à medida que tanto romances de cunho realista, como *Uma Casa para o Sr. Biswas,* quanto trabalhos históricos implicam uma referência à verdade.

ALGUNS INDÍCIOS HISTÓRICOS EM *UMA CASA PARA O SR. BISWAS*

Conforme mencionado acima, cabe ao leitor decifrar os indícios deixados pelo autor para que seja possível situar o romance em um momento específico da história da ilha de Trindade, na primeira metade do século XX. A primeira parte do romance enfoca o espaço rural de Trindade. No primeiro capítulo, o narrador retrata a crise nas plantações de cana-de-açúcar, em virtude da abolição da escravidão nos territórios britânicos (1834-38). A solução proposta pela administração colonial foi a implantação de um sistema de semi-escravidão chamado de trabalho contratual, *indentured labor* (1845 a 1917). Por meio desse sistema, 143.939 trabalhadores foram levados da Índia para Trindade, dos quais poucos retornaram. Aqueles que permaneceram foram os responsáveis pela formação de uma comunidade diaspórica indo-trinidadiana[6]. O pai de Biswas era um trabalhador contratual e o seguinte trecho descreve o processo de pagamento efetuado pelo supervisor da lavoura, com seu chapéu cáqui, um símbolo de riqueza, e um contador indiano, com um ar de importância e austeridade,

> Todo sábado ele ficava em fila, junto com os outros trabalhadores do escritório da propriedade, para recolher seu pagamento [...] Enquanto o contador anotava os números e chamava os nomes e as quantias em uma voz alta e preci-

[6] PAREKH, Bhikhu; SINGH, Gurharpal; VERTOVEC, Steven. Conceptualizing the Indian Diaspora. In: *Culture and Economy in the Indian Diaspora.* Routledge, 2003.

> sa, o supervisor escolhia entre as moedas nas colunas de prata e as nas pilhas de cobre que estavam à sua frente [...] Poucos trabalhadores ganhavam 5 dólares por semana; as notas eram para pagar aqueles que estavam coletando os salário de seus cônjuges, além do seu próprio. (NAIPAUL, 1961, p. 17).[7]

Já em Porto Espanha, cenário predominante da segunda parte do romance, é visível o contraste da capital portuária e cosmopolita em relação à Arwacas, no interior. Na cidade, a transição para o sistema capitalista é comprovada pelas percepções da família de Biswas em relação às novidades advindas pelo contato com as culturas britânica, por meio imperialismo, e americana, devido à presença de soldados em Trinidad, durante a segunda guerra. A fim de convencer Anand, filho de Biswas, a trocar a residência dos Tulsis em Arwacas pela cidade, o seu tio lhe disse, "[...] há uma nova bebida em Porto Espanha. Algo chamado Coca-Cola. Venha comigo para Porto Espanha que eu faço com que o seu pai compre-lhe uma Coca-Cola e sorvete de verdade. Em potes de cartolina. Sorvete de verdade. Não sorvete feito em casa" (NAIPAUL, 1961, p. 325). A influência capitalista americana é revelada por meio dos novos hábitos, como a chegada da Coca-Cola, bebida que é o ícone do capitalismo e o atraente sorvete industrializado, o qual se contrapõe ao feito em casa, por uma das irmãs de Shama, esposa de Biswas, em um freezer velho enferrujado, descrito como "sem gosto (oficialmente de côco)" (NAIPAUL, 1961, p. 325).

A transição econômica do feudalismo para o capitalismo, da qual fala Cudjoe (1988), está presente logo no início da trama, pois por interesses econômicos, os costumes e as tradições Hindu são colocados de lado e o que ocorre são incoerências culturais, por exemplo, "casar a filha preferida em um cartório e colocar os dois filhos (da Sra. Tulsi) em uma faculdade católica". Enfim, *Hanuman House,* fortaleza representante do poder da família Tulsi acabou por ruir, simbolizando o declínio do mundo feudal e do monopólio dos indianos em Arwacas,

> A briga familiar, que não culminou em um grande incidente, virou história; nem Seth nem os Tulsis eram mais tão importantes quanto eles haviam sido no passado. Na loja, o nome Tulsi foi substituído pelo nome escocês de uma empresa de Porto Espanha. Uma propaganda de sapatos Bata, grande e vermelha, estava pendurada embaixo da estátua de Hanuman e a loja estava iluminada e ocupada. (NAIPAUL, 1961, p. 560).

O novo nome da loja já havia sido incorporado ao dia-a-dia dos moradores, que também já haviam se acostumado aos novos tipos de propaganda, sem, contudo, apagar totalmente o passado colonial, pois a estátua da divindade Hanuman ainda estava de pé.

O romance aborda aproximadamente o período da vida do protagonista: um pouco antes do seu nascimento até a sua morte, aos 46 anos, como consta no prólo-

[7] Todos os trechos de "A House for Mr. Biswas" foram traduzidos por mim.

go do romance, cujo tom jornalístico e biográfico remete a um obituário, o que não só mimetiza a própria profissão de Mr. Biswas, mas também oferece ao leitor uma ideia de verdade. É no Prólogo que aparece o primeiro indício do contexto histórico: a moradia que o Sr. Biswas finalmente comprou de um balconista, o qual construía casas nas horas vagas, cuja estrutura e material de construção provinham dos acampamentos de bases norte-americanas desocupadas após o final da Segunda Grande Guerra, em 1945. A Segunda Guerra Mundial aparece também como pano de fundo quando Biswas, já trabalhando no jornal *Trinidad Sentinel*, foi escalado para fazer reportagens na região portuária de Porto Espanha. Lá, Biswas "embarcou em navios Alemães, ganhou isqueiros excelentes, viu fotografias de Adolf Hitler e ficou desnorteado com as saudações de *Heil Hitler*"[8] (NAIPAUL, 1961, p. 343).

De acordo com Ashley Jackson, em *The British Empire and the Second World War* (2006), Hitler não havia declarado guerra apenas contra a Grã-Bretanha, mas contra todo o império britânico. Hitler era a favor da expansão territorial e, para tal, o império deveria ser desmantelado. Trindade não era apenas considerada um ponto estratégico favorável, mas era também uma ilha rica devido às minas de petróleo. Logo, os EUA estabeleceram ali uma de suas bases mais importantes. Trindade tornou-se um dos principais produtores de petróleo, que, junto com a crescente demanda de empregos temporários, movimentou a economia e trouxe um vislumbre de riqueza à ilha e aos seus habitantes. Outra menção à Segunda Guerra ocorre já na segunda parte do livro, próxima ao seu desfecho. O Sr. Biswas, uma manhã, recebeu uma carta oficial do governo que lhe oferecia um emprego no departamento de bem-estar social, um posto que ainda não estava ativo "O Sr. Biswas sabia que era parte do plano de desenvolvimento pós-guerra, mas ele ainda não sabia quais seriam os objetivos do departamento" (NAIPAUL, 1961, p. 524).

Segundo Cudjoe (1988), Lukács argumenta que é capacidade exclusiva dos escritores realistas "penetrar profundamente nos problemas universais de seu tempo e de representar inexoravelmente a verdadeira essência da realidade"[9] (LUKÁCS apud CUDJOE, 1988, p. 63). O romance de Naipaul captura um importante momento de transição da história do Caribe, representado por uma sociedade que estava tentando se enquadrar no cenário de mudanças sócio-econômicas. Ao mesmo tempo, para Cudjoe, *Uma Casa para o Sr. Biswas* não poderia ser considerado um romance que faz totalmente parte da tradição realista, pois segundo Homi Bhabha (apud CUDJOE, 1988, p. 63), o texto, não só possui um excesso de referências à perda, representados pelos fracassos recorrentes de Biswas, mas possui também um caráter circular – o prólogo do romance reescreve o epílogo, de forma que o mesmo parece nunca começar e nem terminar. Essa circularidade pessimista reflete o eterno desassossego do protagonista no movimento de entrada e saída de dentro de um labirinto em busca do seu talismã, a fixidez da casa, que por sua vez, torna-o representante de uma nova era, marcada por profundas transformações na subjetividade do sujeito do século XX.

[8] Grifo meu.

[9] Tradução minha.

LABIRINTOS IDENTITÁRIOS

Visto que o fio condutor de *Uma Casa para o Sr. Biswas* é a busca por uma casa, podemos fazer um paralelo entre a jornada de Biswas e o labirinto da solidão sobre o qual versa Octavio Paz. Em "A dialética da solidão" (1984), Paz refere-se ao labirinto como um símbolo muito significativo da subjetividade, na medida em que existe em seu cerne um talismã, que, uma vez conquistado pelo herói, após um período de busca e isolamento, ele receberá como recompensa a liberdade. Segundo Paz (1984, p. 188),

> Várias noções afins contribuíram para fazer do Labirinto um dos símbolos mais fecundos e significativos: a existência, no centro do recinto sagrado de um talismã ou de um objeto qualquer, capaz de devolver a saúde ou a liberdade ao povo; a presença de um herói ou de um santo que, depois da penitência e dos ritos de expiação, que quase sempre trazem consigo um período de isolamento, penetra no labirinto ou no palácio encantado; a volta, para fundar a cidade, ou salvá-la ou redimi-la. [...] Fomos expulsos do centro do mundo e estamos condenados a procurá-lo por selvas e desertos subterrâneos do labirinto.

A solidão para Paz teria um duplo significado – a ruptura com um mundo e a tentativa de criar outro, "A solidão é a ruptura com um mundo caduco e uma preparação para o regresso e a luta final [...] vivemos na solidão e no afastamento, para nos purificarmos e então voltar para o convívio dos nossos" (PAZ, 1984, p. 184-5). Em *Uma Casa para o Sr. Biswas* a jornada solitária do protagonista é retratada por meio das suas idas e vindas dentro desse labirinto; porém, o prêmio conquistado é um talismã às avessas. No escuro, a casa é perfeita para o herói. Contudo, pela manhã, a luz do sol revela as suas imperfeições – as paredes são tortas, a escada não dá para lugar nenhum, o banheiro inunda – imperfeições essas que metaforizam a identidade de Biswas em conflito, pois a jornada ainda está inacabada. A casa, apesar de sua, deixa a desejar, é muito diferente da idealizada em seus sonhos.

Podemos tecer um paralelo do *pachuco* de Paz com o protagonista do referido romance, pois ao abordar a questão identitária pela figura do indo-caribenho, representado pelo Sr. Biswas, Naipaul pretende "entregar-lhe o fio de Ariadne que pode libertá-lo da ferocidade colonizadora" (SANTIAGO, 2006, p.34), representado pelo minotauro britânico; contudo, ele nunca é libertado.

IDENTIDADE E DESASSOSSEGO

Vimos que Naipaul aborda as principais temáticas da subjetividade moderna, à medida que o enredo de *Uma Casa para o Sr. Biswas* retrata a insegurança e o desassossego dos personagens em face de um cenário histórico cambiante, marcado pelo processo de descolonização e transição do feudalismo para o capitalismo, que se reflete nas relações sociais e nas transformações culturais.

No início do século XX as velhas identidades, que estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então, visto como unificado (HALL, 2000). A 'crise de identidade' vivida pelo sujeito durante o processo de descolonização, representado por Mr. Biswas é parte da mudança de uma situação original, como a imigração dos indianos para Trindade, que desestrutura as referências tradicionais. Para Hall, as identidades são descentradas, deslocadas ou fragmentadas, devido a uma mudança histórica. Como não possui um caráter permanente, a identidade do sujeito pós-moderno é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais.

A partir desse período, a história e a literatura passaram a compartilhar esse desassossego identitário, representado em *Uma Casa para o Sr. Biswas,* a cada tentativa frustrada de obter uma casa. Segundo Julio Pimentel (2006), a palavra desassossego tem origem no *Livro do Desassossego*, do semi-heterônimo de Fernando Pessoa, Bernardo Soares, que é um conjunto de fragmentos organizados postumamente, cujas características principais são: o caráter fragmentário, a ausência de um núcleo organizacional e uma temática norteada pelo estranhamento, angústia, e sensação de exílio em qualquer lugar, "é a aguda percepção da história, com suas mudanças e rupturas que a consciência moderna oferece" (PIMENTEL, 2006, p. 2). Portanto, Pessoa viveu individualmente uma experiência que representa a coletividade, o homem do século XX.

Junto com o desassossego, o tema da infixidez é também constantemente presente no romance pela falta de um núcleo rígido. A imagem de fixidez que o protagonista busca incessantemente é a da casa, movido pela ilusão de que quando a encontrasse, ele poderia fixar a sua existência em um espaço geográfico específico. Biswas acabou encontrando a sua casa e, embora imperfeita, serviu-lhe de consolo nos seus últimos anos de vida, "Como teria sido horrível, nesse momento, ficar sem ela (a casa): ter morrido entre os Tulsis, em meio à imundície daquela família grande, desintegrada e indiferente, ter deixado Shama e as crianças entre eles, em um quarto; pior, ter vivido sem ao menos tentar reivindicar seu pedaço de terra; ter vivido e morrido do mesmo jeito que ao nascer, desnecessário e desacomodado" (PIMENTEL, 2006, p. 8).

CONCLUSÃO

Por meio da análise de indícios históricos presentes em *Uma Casa para o Sr. Biswas*, à luz dos estudos de historiadores sociais como Burke, Ginzburg e Pimentel, concluímos que a referida obra pode ser considerada um romance histórico. Isto ocorre porque sua existência só é possível mediante um contexto histórico e geográfico muito específico. A ilha de Trindade e Tobago foi marcada em primeiro lugar, pelo imperialismo e pelo processo de descolonização; em segundo lugar, por um momento de transição de um sistema feudal e estático, para a formação de uma sociedade capitalista e dinâmica e, em terceiro lugar, pela ocupação americana na época

da Segunda Guerra Mundial. Os indícios de tais movimentos históricos estão disponíveis ao leitor como ao historiador de Ginzburg, por meio de indícios e sinais, dispersos ao longo da trama.

O tempo do romance é o início do século XX, período de declínio das velhas identidades que estabilizaram o mundo social, fragmentando o indivíduo moderno, até então, considerado um sujeito unificado (HALL, 2000). Naipaul cria um personagem, que como um processo metonímico, passa a simbolizar a 'crise de identidade' vivida pelo sujeito colonial, representada pelas inúmeras tentativas do Sr. Biswas obter uma casa e buscar sua identidade e independência. Tal busca é o indício de um novo sistema de referências, já que o individualismo, característica do capitalismo, começa a substituir o coletivismo da cultura indiana. Entretanto, como o século XX é caracterizado por um momento de crise, as buscas do Sr. Biswas por uma imagem de fixidez não passam de frustrações. A solitária jornada de Mohun pode ser representada pela busca do talismã localizado no centro de um labirinto, que metaforiza a sua árdua e inacabada jornada, marcada pela construção de uma identidade em conflito, pois a casa que ele consegue comprar, além de apresentar inúmeros defeitos, lhe rende uma dívida que o acompanhará mesmo após a sua morte. *Uma Casa para o Sr. Biswas* é um romance realista e, ao mesmo tempo, marcado pela circularidade representada pelos fracassos recorrentes, de forma que a jornada parece nunca começar e nem terminar.

De acordo com Julio Pimentel (2006), Naipaul retrata em sua obra as mudanças incompletas trazida pela descolonização, "sobra um mato que cobre os resíduos sem os eliminar, sem concluir a passagem". Para Julio Pimentel, *Uma Casa para o Sr. Biswas* demonstra que no meio do caminho, ficam os homens que viveram uma transição histórica e seus descendentes, que prosseguem na odisséia identitária, desconsolados, são exilados sempre, em qualquer parte. O caráter cíclico de *Uma Casa para o Sr. Biswas,* que mimetiza um labirinto sem saída, constata que toda chegada pressupõe uma nova partida.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: _____. *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo, Editora UNESP, 1992.

CUDJOE, Selwyn Reginald. *VS Naipaul: A Materialist Reading*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988

DONELL, Allison; WELSH, Sarah. *The Routledge Reader in Caribbean Literature*. Routledge: [s.n.], 1996.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. "Fiction as Historical Evidence: A Dialogue in Paris, 1646". 1992. In: *Rediscovering History*: Culture, Politics and the Psyche. Stanford-Califórnia: Stanford University Press, 1994. p. 378-388.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JACKSON, Ashley. *The British Empire and the Second World War*. Hambledon and London: [s.n.], 2006.

JARVIS, Kelvin. *V.S. Naipaul* : a Selective Bibliography with Annotations, 1957–1987. Metuchen, N. J.: Scarecrow, 1989.

NAIPAUL, V. S. *A House for Mr. Biswas*. Picador, 1961, 2003.

_____. Foreword to *A House for Mr. Biswas*", Knopf, 1983. In: _____. *Literary Occasions*. New York: Vintage, 2003. p. 128-135.

_____. Foreword to The Adventures of *Gurudeva*. In: _____. *Literary Occasions*. New York: Vintage, 2003. p. 112-127.

PAREKH, Bhikhu; SINGH, Gurharpal; VERTOVEC, Steven. Conceptualizing the Indian Diaspora. In: _____. *Culture and Economy in the Indian Diaspora*. London: Routledge, 2003.

PAZ, Octavio. O Pachuco e outros extremos. In: *O labirinto da solidão*. 1984. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. A dialética da solidão. In: *O labirinto da solidão*. 1984. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

PINTO, Julio Pimentel. A literatura do desassossego no século XX. In: *Revista EntreLivros*, São Paulo, n. 15, jul. 2006.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.